



ANAT FALBEL, LUCJAN KORNGOLD ARQUITETO, SÃO PAULO, ROMANO GUERRA 2023. (VERSÃO EM PORTUGUÊS)

DONATELLA CALABI

Universidade IUAV de Veneza
calabi@community.iuav.it

Recebido: 30/10/2024

Aprovado: 05/02/2025

ADALBERTO DA SILVA RETTO JÚNIOR

FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)
Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa – 17033-360 – Bauru – SP
<https://orcid.org/0000-0003-3473-7097>
a.retto@unesp.br

RESUMO

Livro resenhado Lucjan Korngold Arquiteto.

FALBEL, Anat. Anat Falbel, Lucjan Korngold Arquiteto, São Paulo, Romano Guerra 2023. (versão em português)

ISBN: 9786587205298



ANAT FALBEL,
LUCJAN KORNGOLD ARQUITETO,
SÃO PAULO, ROMANO GUERRA
2023. (VERSÃO EM PORTUGUÊS)

Há muitos anos, Anat Falbel se dedica ao estudo dos profissionais *imigrantes*. No volume aqui apresentado, a autora situa o início dessas pesquisas em 1995, durante sua passagem por Tel Aviv. No momento da redescoberta da importância da *Cidade Branca* na criação dos novos assentamentos em Israel, e do papel desempenhado pelos profissionais formados entre as vanguardas da arquitetura e do urbanismo em seu planejamento, o professor Paulo Bruna, em São Paulo, sugeriu à autora, como tema de pesquisa de doutorado, a obra do arquiteto polonês Lucjan Korngold. Pouco tempo antes, havia sido atribuído a este último o projeto de um edifício de singular importância na cidade (o assim chamado edifício Rubinsky). Falbel defendeu sua tese em 2003, ano em que a UNESCO incluiu esse novo núcleo mediterrâneo na lista do Patrimônio Mundial da Humanidade.

Graças ao estudo mencionado, Anat Falbel, formada em Engenharia Civil, tornou-se doutora em História da Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Após extensas pesquisas realizadas com uma perspectiva verdadeiramente abrangente a partir do campo das ciências humanas — seja em Campinas, no Rio de Janeiro, no Canadian Center for Architecture (CCA), em Montreal, ou ainda em instituições e arquivos europeus —, ela se aprofundou em uma área de estudo específica: a transferência de saberes no campo da arquitetura, resultante dos deslocamentos voluntários ou forçados de profissionais entre países culturalmente distantes. Sob esse aspecto, a autora deste volume pode ser considerada, hoje, uma das maiores especialistas no tema.

A atividade de Lucjan Korngold, realizada em geografias diversas e distantes entre si, assim como entre culturas que a historiografia considerou periféricas em

relação aos grandes centros de desenvolvimento e irradiação da arquitetura moderna, reivindicava necessariamente uma pesquisa de caráter transnacional e interdisciplinar. Entre o final do século XX e as primeiras décadas do século XXI, outros personagens, cujas trajetórias intelectuais e profissionais atravessaram culturas distintas, assim como Korngold, foram identificados, pelos estudiosos desses temas, como agentes *modernizadores* e, mais tarde, *agentes de interferências*. (Jean Louis Cohen, Hartmut Frank, Michel Espagne, Juília Kristeva, entre outros). O conhecimento da produção de Lucjan Korngold era limitado a alguns edifícios especialmente divulgados.

A pesquisa de Anat Falbel considerou, inicialmente, a figura de Korngold a partir dos contextos nacionais nos quais o arquiteto atuou (primeiro a Polônia, em seguida Israel — então chamado de Palestina —, onde se acreditava que ele pudesse ter atuado e, finalmente, o Brasil). Na sequência, ela examinou o tema da transferência espacial e da condição de exílio do protagonista da narrativa, também em relação a muitos outros “refugiados” da Europa Central e Oriental, que desembarcaram nas costas da América do Sul, no período entre as duas guerras ou no imediato pós-guerra.

A rede de relações individuais do arquiteto, assim como de outros profissionais da época, é identificada por Falbel no contexto das reflexões desenvolvidas por historiadores interessados nos cruzamentos culturais, por um lado, e nos métodos de estudo do tema conduzidos pelos promotores da “micro-história”, por outro. Essa abordagem permitiu à pesquisadora analisar, de forma mais ampla, tanto a produção quanto a definição de espaço urbano em uma extensa área intercontinental, na qual a troca e a circulação de ideias, saberes e movimentos foram se desenvolvendo em torno do tema da “modernidade”.

Por outro lado, nos vinte anos que se passaram desde a defesa de sua tese, os estudos sobre diversidade, hibridização e transferências de saberes foram, consciente ou inconscientemente, permeando os programas de pesquisa de diversas instituições culturais e círculos acadêmicos, alimentando efetivamente a hipótese de que o ser estrangeiro habita a própria humanidade. A Bienal de Veneza de 2024, cujo tema é *Foreigners everywhere*, confirma o fato, assim como algumas das mostras secundárias, como a obra da artista polonesa-canadense Yedessa Hederles.

Especialmente a partir da década de 1980, nos campos da literatura, das ciências sociais, das artes, assim como da arquitetura e do urbanismo, a circulação de pessoas e ideias entre continentes e o diálogo entre culturas consolidaram-se como um espaço de novas pesquisas. Essas investigações se concentram em diversas figuras que transitaram entre a Europa e os Estados Unidos, a América Latina e o Oriente Médio, além da África do Sul, Ásia e Oceânia. No Brasil, em particular, tem-se descoberto a importância de arquitetos, fotógrafos, designers, artistas e intelectuais estrangeiros, nutridos nos círculos intelectuais europeus cosmopolitas, cujas iniciativas e ensinamentos influenciaram pelo menos duas gerações de profissionais brasileiros cujas carreiras tiveram início entre as décadas de 1940 e 1960.

O livro que ora apresentamos está dividido em duas partes. A primeira diz respeito à formação de Korngold e seu amadurecimento como arquiteto judeu na Polônia e o projeto em Israel, atribuído a ele entre 1933 e 1936. A autora demonstra, no entanto, que esse projeto foi, de fato, criado por dois jovens arquitetos de origem polonesa que imigraram para o no mesmo período. A segunda parte examina os projetos brasileiros, atendo-se desde os seus comitentes até a catalogação sistemática dos projetos construídos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Essa ordenação acompanha uma ficha detalhada de cada complexo construído, com informações como data, localização, eventuais colaboradores, além de desenhos e fotografias (todas de ótima qualidade). O estudo que introduz os capítulos dedicados às iniciativas brasileiras examina cuidadosamente não só a documentação do arquiteto, mas também do conjunto de seus clientes no período de

desenvolvimento industrial e urbano do Brasil. A mesma análise inclui ainda informações detalhadas sobre tecnologias e métodos construtivos inovadores utilizados nos projetos apresentados, destacando as formas de colaboração entre empreendedores e imigrantes na determinação da produção de de alguns espaços físicos circunscritos e bastante característicos.

Nesse sentido, portanto, protagonizam o volume, a vida e a obra de Lucjan Korngold, arquiteto de origem polonesa, cuja trajetória entre dois continentes (Europa e América Latina) se confunde com a de muitos outros profissionais, empreendedores, intelectuais e artistas que desembarcaram no Brasil no período entre as duas guerras, contribuindo para a construção da ‘modernidade’ brasileira nos principais centros do país.

Entre as duas partes, a autora não poderia deixar de inserir uma espécie de “parêntese” substancial e documentado sobre a imigração judaica no Brasil, a partir da dominação holandesa do século XVII no Nordeste do país e, posteriormente, no século XVIII, no Estado de Minas Gerais. Nessa última região, judeus de origem europeia atuaram como intermediários no comércio vinculado às atividades agropecuárias e de mineração. A autora destaca, ainda, como, ao longo do século XIX, a imigração judaica de caráter predominantemente urbano e cosmopolita, se estabeleceu em grandes centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Inseridos entre as elites nacionais que frequentavam, sobretudo, as áreas centrais das cidades, acabaram por constituir uma premissa para a imigração do século seguinte, em particular a leva imigratória dos refugiados das perseguições fascistas e nazistas.

Falbel direciona, assim, sua atenção para uma questão fundamental na análise das condições materiais de trabalho dos próprios imigrantes, as dificuldades na obtenção de passaportes, vistos de entrada, autorizações de trabalho, assim como o reconhecimento e a regularização dos diplomas estrangeiros (que o Estado brasileiro vetou definitivamente aos compositores, médicos, artistas e arquitetos de origem judaica, sujeitos às leis raciais em seus países de origem, durante os anos do extermínio do povo judeu).

Na atmosfera nacionalista do período, permeada pelo integralismo e pelo antissemitismo presentes nos debates ideológicos, um grande número de ministros, homens públicos, funcionários do governo e jornalistas que circulavam em torno do presidente Getúlio Vargas, aproximou-se do universo profissional que debatia as diferentes expressões formais na arquitetura, entre elas o ecletismo. Com uma apologia à beleza – entendida como ordem, proporção e ornamento – confundiam-se posições conservadoras com formulações fortemente opostas, algumas delas fruto de experiências recentes, como certos movimentos futuristas, racionalistas ou simplesmente internacionais no âmbito artístico.

Desde 1937, o círculo de intelectuais próximo a Getúlio Vargas vinha progressivamente definindo a política cultural da ditadura do Estado Novo (1937-1945), fundamentada na nacionalização da cultura, da língua e do ensino, condicionando a formação da identidade brasileira à eliminação das diferenças étnicas, culturais, políticas e ideológicas. Assim, a cultura oficial do governo foi estabelecida a partir do binômio “moderno e nacional”, que, por sua vez, excluía da produção cultural do país – incluindo arquitetura e artes – a obra de profissionais imigrantes, mesmo aqueles de formação moderna. A campanha iniciada pelo regime Vargas contra o chamado “enquistamento” de núcleos étnicos externos na sociedade resultou, em maio e agosto de 1938, na adoção de medidas restritivas por parte do Ministério das Relações Exteriores (MRE) em relação à entrada de estrangeiros no país. Entre os grupos visados, os judeus perseguidos na Europa fascista foram individualizados como um grupo incapaz de ser assimilado à cultura nacional.

No entanto, conforme lembra Falbel, apesar de algumas vozes contrárias a essas políticas, relatos e testemunhos confirmam as dificuldades enfrentadas pelos refugiados nos locais de representação diplomática do Brasil na Europa, seja na obtenção de vistos ou nos obstáculos encontrados durante os deslocamentos entre os diferentes países.

Falbel menciona, por exemplo, as experiências dramáticas vividas pela família Korngold ao tentar fugir da Polônia no momento da invasão alemã – a propósito, experiências análogas às sofridas por muitos outros profissionais que chegaram à América Latina naquele período. Em 30 de agosto de 1939, Korngold, antigo oficial, recebeu uma convocação do exército. Sua esposa e seu filho haviam deixado Varsóvia em direção a Roma, com passaportes emitidos em Viena, em 1937, e vistos para Honduras. Entretanto, o arquiteto que provavelmente não dispunha de passaporte com visto de trânsito válido, partiu de carro da capital polonesa para a Romênia, de onde pretendia emigrar.

Conforme destaca a autora, a dinâmica desses deslocamentos também operou sobre o destino dos indivíduos. No caso de Korngold, foi na embaixada da Polônia em Bucareste, em setembro de 1939, que ele recebeu seu passaporte. No entanto, o documento tinha validade de apenas um ano para deslocamentos exclusivamente dentro da Europa, exigindo um visto para que pudesse deixar o continente. Assim, a sobrevivência de Korngold – bem como a de outros cerca de 950 judeus de diferentes origens que conseguiram escapar do nazismo – foi garantida por um contexto particular, um capítulo ainda pouco estudado no período do Estado Novo no Brasil, como relata Anat Falbel.

Naquele momento, a salvação da família foi determinada pela intervenção de dois padres alemães Michael von Faulhaber e Wilhelm Berning, que, em 1939, solicitaram ao recém-eleito Papa Pio XII que intercedesse junto ao governo brasileiro para a concessão de vistos destinados a “católicos alemães não-arianos”. Originalmente, essa concessão cobriria cerca de 3.000 vistos. Contudo, a iniciativa foi dificultada pelo embaixador do Brasil em Berlim, Ciro de Freitas Vale, e o número de refugiados salvos efetivamente deveu-se ao embaixador do Brasil em Roma, Hildebrando Accioly, onde a família Korngold recebeu o seu visto.

No livro, que segue uma ordem cronológica, o primeiro capítulo descreve o amadurecimento do arquiteto judeu em uma Polônia onde, após a emancipação e abolição das restrições residenciais, a inserção judaica na economia empresarial do país – com o crescimento concomitante do operariado judeu e de uma alta burguesia formada por banqueiros, comerciantes, grandes proprietários de terras e industriais – fez com que a minoria judaica atingisse 43% da população urbana em 1870, especialmente em Lodz e Varsóvia. A formação de uma intelectualidade assimilada e antinacionalista, de língua e cultura polonesa, não impediu, no entanto, o avanço do forte antissemitismo nas instituições sociais, culturais e educacionais.

Essa conjuntura marcou a primeira fase de vida do protagonista deste estudo – sua juventude, o acesso aos estudos na vigência dos *numerus clausus*, os primeiros concursos e a atuação em um ambiente ao mesmo tempo aculturado, polonês e cosmopolita, compartilhado por um grupo de empresários e profissionais que usufruíam das mesmas condições econômicas privilegiadas da família. O volume aqui apresentado relembra, por meio de documentos e imagens fotográficas, alguns dos personagens desse universo – familiares, futuros associados, a par de alguns projetos destes últimos –, registrando os primeiros edifícios construídos em Varsóvia entre os anos de 1932 e 1939.

Em consonância com as referências culturais dos anos de sua formação, a produção do arquiteto Korngold e de seus associados durante a década de 1930 girou em torno da questão da forma do artefato construído e as funções dos interiores, explorando soluções de contrastes perseguidas a partir da diversidade dos tratamentos de superfície, fossem eles fruto do trabalho artesanal ou resultados de um processo industrial voltado para um público amplo.

Para o arquiteto, o objeto móvel e de decoração eram partes integrantes da arquitetura, mas também guardavam um valor em si: um pressuposto que encontraremos no Brasil, em seu compromisso com a recuperação de móveis ou fragmentos antigos, em especial os relativos ao Barroco brasileiro.

Neste ponto, Falbel apresenta o edifício Rubinsky, em Tel Aviv, construído durante o período do Mandato Britânico na Palestina, analisando o desenvolvimento do vocabulário moderno como expressão nacional e antidiaspórica no assim chamado *Kibutz Galint* [o encontro das diásporas]. A autora informa que o projeto foi erroneamente atribuído a Korngold. Pelo contrário, ao destacar a presença significativa de profissionais imigrantes de origem polonesa no país – consequência da crise que atingiu o judaísmo polonês a partir da segunda metade da década de 1920 –, ela identifica as fontes da linguagem arquitetônica por meio da análise da formação e das experiências do engenheiro Avraham Markusfeld e do arquiteto Lazar Karnovsky, profissionais poloneses aos quais atribui o projeto da rua Schenkin, 65.

O fato é que, ao desembarcar com a família, no porto de Santos, abordo do navio Conte Grande, que zarpara de Gênova, Korngold já tinha 43 anos. No mesmo vapor, viajaram outras figuras que, assim como ele, lograram deixar a Europa como “judeus do Vaticano”, graças à intervenção da Santa Sé. Já no Brasil, muitos desses refugiados participaram, de diferentes formas, nos encargos projetuais do arquiteto. No Novo Mundo, ele não poderia deixar de utilizar a bagagem da experiência adquirida anteriormente em regiões distintas geográfica e culturalmente, unidas inevitavelmente por um fio comum.

Já no final do século XIX, a origem das iniciativas imobiliárias em grande escala, a importação de materiais, instalações e maquinário industriais – assim como o conhecimento dos canais de distribuição e o acesso ao crédito no Brasil –, podiam ser identificados principalmente entre a população de origem imigrante. Nesse sentido, os estrangeiros podiam ser encontrados tanto entre empresários dedicados à atividade manufatureira, quanto entre as tradicionais famílias paulistas que atuaram na urbanização dos núcleos ainda provincianos, por meio de obras públicas e privadas, da melhoria de infraestrutura ou de serviços como transporte coletivo, saneamento, ou fornecimento de energia elétrica para iluminação pública. É precisamente entre estes que podemos distinguir o grupo dos chamados

judeus “alsacianos”, como afirma a pesquisadora, que se destacavam por uma consciência empresarial bem estruturada. Na forma de sociedades anônimas, dispositivo que permitia reunir capitais de diversas origens, eles investiram em iniciativas urbanizadoras no Rio de Janeiro, em Santos e, sobretudo, nas grandes transformações de São Paulo nas últimas décadas do século XIX (desde o viaduto do Chá até terrenos na área da Avenida Paulista). A autora sublinha que esse elemento imigrante já havia atuado no mesmo gênero de operações na Europa, como na construção de ferrovias na França, na Bélgica, na Áustria e na Itália, desde as décadas anteriores. Por outro lado, alguns dos nomes, que a seguir poderiam ser reconhecidos na colonização judaica no Brasil e na Argentina promovida pela Jewish Colonization Association (JCA), já haviam sido identificados anteriormente, entre 1850 e 1870, na criação das redes ferroviárias prussiana e romena, ou na maior parte das redes russas, assim como nos Bálcãs e no Império Otomano. Por outro lado, a postura cosmopolita e modernamente atenta à diversificação dos investimentos foi, do mesmo modo, semelhante àquela encontrada entre os profissionais liberais que alcançaram o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Em suma, o ambiente em que a verticalização e a compactação, ou o aumento da densidade construtiva na área central de São Paulo ocorrem é, em última análise, o mesmo que mobilizou os profissionais de origem polonesa dos quais o próprio Korngold faz parte.

Com referências bibliográficas precisas, dados quantitativos documentados, um bom número de fotografias dos conjuntos arquitetônicos realizados e, ainda referências provindas de uma revisão bem articulada da imprensa contemporânea, Anat Falbel dá conta da presença de empresários estrangeiros de diferentes origens e seus descendentes no processo de renovação e modernização econômica e urbana de São Paulo. Em especial, destaca as primeiras grandes intervenções realizadas entre as décadas de 1940 e 1950, na Avenida Ipiranga, na Praça da República e ainda no parque do Anhangabaú, operações que reestruturaram completamente a cidade e alteraram sua fisionomia.

Henryk Zylberman, Adolf Neuding, Henryk Spitzman Jordan, Izydor Kleinberger, assim como Lucjan Korngold (o protagonista da história) escaparam de Varsóvia seguindo os mesmos itinerários difíceis, tornando-se assim “irmãos de navio” — no sentido de que compartilharam a mesma experiência traumática da travessia para um continente desconhecido. Essa vivência em comum resultou em uma rede solidária em torno de investimentos, estratégias construtivas, fornecimento de materiais e suprimentos, e, inevitavelmente, também como comitentes de arquitetura que garantiram a Korngold seus primeiros projetos importantes.

As realizações mais icônicas do mesmo arquiteto junto aos seus diferentes associados — Francisco Matarazzo Neto, Francisco Beck, Jorge Zalszpin e Abelardo Gomes de Abreu — incluem o Edifício Vista Alegre, o Edifício São Vicente, o CBI Esplanada, o Palácio do Comércio ao lado do Teatro Municipal, a Bolsa de Cereais, a Garagem Cogeral, o Edifício Barão de Jaguará e o Centro Comercial do Bom Retiro, entre outros. Esses projetos estão amplamente documentados no volume, acompanhados de uma extraordinária documentação fotográfica – verdadeiros ensaios construídos por meio da câmera – realizada pelos arquitetos fotógrafos Nelson Kon e Alberto Ricci, enriquecendo o trabalho de pesquisa da estudiosa e especialista no tema. Esses ensaios são acompanhados por excelentes reproduções dos esboços originais, plantas, cortes e perspectivas absolutamente inéditas, como é necessário em um verdadeiro livro de arquitetura.

A partir do estudo analítico da história da construção destes artefatos construídos, destacam-se as inter-relações estabelecidas entre projetistas e empreendedores provenientes da Europa Oriental, que, em alguns casos, se formalizaram como sociedades propriamente ditas, compartilhando investimentos e riscos. Em outras situações, desenvolveram-se por meio de alianças e relações de solidariedade entre empreendedores e arquitetos que haviam compartilhado parte de suas vidas e algumas experiências formativas importantes.

Muitas vezes, sobretudo nas áreas centrais da cidade, Korngold participou da realização de conjuntos imponentes de vários andares — para fins residenciais ou reservados a escritórios — implantados em terrenos nem sempre inteiramente regulares, mas sabiamente solucionados do ponto de vista planimétrico. Por vezes, esses complexos também incluíam um espaço pavimentado comum no térreo, que recebia um tratamento arquitetônico importante. O trabalho projetual definia o acesso da rua às ligações verticais — verdadeiros núcleos dos edifícios, em torno dos quais se organizava a distribuição interna dos pavimentos — possibilitando ainda delimitar os espaços térreos destinados ao uso comercial ou à vegetação, e permitindo uma certa continuidade com as avenidas arborizadas que lhes faziam frente, integrando-se, assim, algumas das áreas mais densas da cidade de São Paulo.

A rigorosa regularidade do desenho da fachada — grades estruturais, janelas, galerias, cortinas — frequentemente corresponde ao caráter movimentado do subsolo, do hall de entrada, do vão das escadas e dos planos de cobertura.

Por fim, a autora também descreve as últimas obras de Lucjan Korngold, realizadas em parceria com o arquiteto Abelardo Gomes de Abreu entre 1961 e 1963, ano da morte do protagonista da história, refletindo também sua perspectiva sobre a arquitetura brasileira no arco de mais de vinte anos.

O capítulo final, sobre o olhar de Lucjan Korngold em relação à arquitetura brasileira frente à arquitetura internacional, retoma integralmente a entrevista que ele concedeu, em 1962, ao arquiteto Jorge Potrowski, natural de Cracóvia. Nessa entrevista, suas principais referências revelam-se canônicas: Chicago, Sullivan e Wright nos Estados Unidos, Le Corbusier na França, a linguagem racional, construtivista e “fria” da Alemanha. Já o Brasil se destaca pela sua capacidade de combinar “a expressão plástica do edifício” e o “sentimento” com o clima local, evocando nesse aspecto, os nomes de Oscar Niemeyer e Lucio Costa.

Com razão, ao comentar as assertivas do protagonista de sua história, Anat Falbel relembra o famoso escrito de Bruno Zevi sobre Mendelsohn, além de mencionar o artigo do próprio Zevi sobre a obra do protagonista de seu estudo. Neste último, ao mencionar os arquitetos obrigados à imigração forçada — Mies van der Rohe, Walter Gropius, Marcel Breuer —, o historiador italiano alude tanto à sua diversidade, quanto à “crise de imaginação” criativa, produzida compreensivelmente ao longo de uma vida profissional feita de urgências não concretizadas, de um recomeço incerto e um futuro desconhecido.

O volume traz uma listagem completa das obras do arquiteto de 1920 a 1963, cada qual com um pequeno parágrafo descritivo e, no caso das mais importantes, uma foto como registro. Além disso, apresenta uma riquíssima bibliografia, tanto sobre a obra de Korngold quanto sobre a historiografia da arquitetura brasileira, assim como uma relação dos vários textos escritos pelo próprio arquiteto polonês. A documentação utilizada para construir a narrativa, inclui anúncios divulgados por ocasião da realização de cada um dos complexos arquitetônicos, as resenhas, a listagem das bibliotecas e arquivos consultados e, finalmente, os créditos fotográficos. Todos esses elementos tornam o livro aqui apresentado uma monografia essencial sobre Lucjan Korngold, da qual, a partir de agora, nenhum estudioso do tema poderá prescindir. O volume, assim estruturado, constitui em si um produto de importância científica e absolutamente completo, capaz de recuperar a atenção tanto dos pesquisadores quanto dos visitantes da cidade de São Paulo para um personagem parcialmente esquecido na cidade.

Em última análise, acredito que esta extraordinária coleção de documentos, referências cruzadas e informações torna o livro verdadeiramente valioso, não apenas como uma análise completa da obra de um arquiteto conhecido, embora não verdadeiramente reconhecido nas suas múltiplas facetas, mas também como uma leitura atenta e consciente da história dos mecanismos que sustentaram as transformações do crescimento

vertical de São Paulo na década de 1940. Trata-se, portanto, de um estudo que, a meu ver, pode ser considerado em paralelo com os dois volumes extraordinários *Saudades do Brasil* (1994) e *Tristes Trópicos* (1955, 1996) de Claude Lévi-Strauss. Para mim, tanto um livro quanto os outros constituem uma leitura verdadeiramente exemplar do rápido processo de transformação da cidade brasileira.

A editora Romano Guerra é especializada em livros de arquitetura, arte e cultura. Para o editor, mais do que um valor acrescido, a diagramação gráfica é sempre entendida como uma condição imprescindível na construção do discurso. Seu catálogo, composto por títulos de obras significativas que mereceram premiações importantes por seu conteúdo e realização editorial, é a confirmação definitiva do trabalho desenvolvido.